

**Alguns desdobramentos da teoria da invasão ariana  
ao longo do século XIX E.C. e início do século XX E.C.\***

Some unfoldings of Aryan invasion theory during the XIX<sup>th</sup> century C.E.  
and the beginning of the XX<sup>th</sup> century C.E.

Matheus Landau de Carvalho\*\*  
matheuslcarvalho@ig.com.br

**Resumo**

A teoria da invasão ariana postula a existência de uma onda migratória de tribos nômades de uma suposta raça ariana oriunda da Ásia Central por volta de 1.500 A.E.C. em duas direções, uma para o Oriente Médio e outra para o Subcontinente Indiano, as quais, ao provocar o choque bélico com autóctones da região do Subcontinente Indiano e conseqüentemente vencê-los, possibilitaram o surgimento do Hinduísmo brâhmanico, de seu sistema de castas e de sua primeira literatura, o *Rgveda Samhitā*, que carregaria em si as reminiscências deste conflito vitorioso para os *āryas* em detrimento dos *dasyus* vencidos. Este Artigo pretende apontar para alguns desdobramentos da teoria da invasão ariana durante o século XIX E.C. e o início do século XX E.C., baseado numa compreensão de como a atmosfera intelectual europeia calcada no anti-semitismo e no chauvinismo do progresso industrial do Ocidente no século XIX E.C. propiciou o desenvolvimento dos postulados da teoria em questão, e como se processou a reação aos mesmos segundo uma crítica à visão europeia sobre a história, as filosofias e as religiões da Índia – máxime o Hinduísmo –, além da campanha por um redirecionamento do olhar dos indianos para suas próprias tradições filosóficas e religiosas, independentemente de um filtro cultural europeu.

**Palavras-chave:** Hinduísmo; Orientalismo; Teoria da invasão ariana.

**Abstract**

The Aryan invasion theory postulates the existence of a migratory wave of nomadic tribes of a so-called Aryan race arising from Central Asia around 1.500 B.C.E. in two directions, one towards Middle East and another towards Indian subcontinent, which, by provoking a military clash with natives from Indian subcontinent and consequently defeating them, enabled the rise of brâhmanical Hinduism, its caste system and its first literature, *Rgveda Samhitā*, which would bear in itself the reminiscences of this

---

\* Este Artigo é uma extensão temática de outro Artigo publicado pelo mesmo autor na revista *Sacrilegens* V. 9, n. 1, 2012 – jan-jun de 2012, intitulado “Um breve histórico do início da teoria da invasão ariana”.

\*\* Concluiu Bacharelado e Licenciatura em História e Habilitação em Patrimônio Histórico pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 2009. Obteve os graus de Especialista – 2010 – e Mestre – 2013 – pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião (PPCIR), pela mesma Universidade.

victorious conflict for the *āryas* to the detriment of the defeated *dasyus*. This Paper intends to point to some unfoldings of the Aryan invasion theory during the XIX<sup>th</sup> century C.E. and the beginning of the XX<sup>th</sup> century C. E., based on the comprehension of how the European intellectual atmosphere grounded in anti-Semitism and in the chauvinism of Western industrial progress in the XIX<sup>th</sup> century C.E. propitiated the development of the postulates belonging to the aforesaid theory, and how the reaction to them took place according to a criticism to an European view about India's history, philosophies and religions – specially Hinduism –, besides the campaign for the redirection of the Indians look towards their own philosophical and religious traditions, apart from an European cultural filter.

**Keywords:** Hinduism; Orientalism; Aryan invasion theory.

## Introdução

No contexto de nascimento da Indologia, no fim do século XVIII E.C., o orientalista, jurista e linguista londrino William Jones chegou à hipótese da existência de um idioma ancestral a todas as línguas da família indo-europeia, após ter sido designado juiz da Suprema Corte em 1783, e se estabelecido em Calcutá, onde fundou a Sociedade Asiática de Bengala, da qual foi presidente vitalício. Por volta de 1780 os *brāhmanas* de Bengala receberam ordens de traduzir para o inglês – por intermédio do persa – as antigas leis e os livros sagrados da Índia. No mesmo ensejo, Jones começou a estudar o idioma sânscrito e, além de traduzir vários trabalhos desta língua para o inglês, logo identificou similaridades entre o grego, o latim, o gótico e o próprio sânscrito. A partir de algumas conclusões deste estudo notou-se a necessidade de se identificar um povo que falasse este idioma e, conseqüentemente, sua terra natal.

Imbuídos de uma mentalidade calcada não só na tentativa de se esquivar da tradição judaica, mas também na afirmação das qualidades dos povos europeus em detrimento dos outros continentes, eruditos e missionários britânicos presentes no Subcontinente Indiano a partir do início do século XIX E.C. se destacaram na construção da teoria da invasão ariana: ao observar um conflito entre *āryas* vencedores e *dasyus* vencidos em uma das fontes mais antigas de todos os idiomas indo-europeus, o *Rgveda Samhitā*<sup>1</sup>, estes eruditos e missionários atribuíram a cada lado a condição de

---

<sup>1</sup> O *Rgveda Samhitā* compõe-se de 1028 hinos divididos em dez livros de tamanhos diferentes. Aqueles que se serviram da teoria da invasão ariana o datam por volta de 1500 A.E.C., durante o qual teria acontecido a dita invasão. A maioria das fontes situa o início de sua produção verbal na Idade do Bronze (c. 3700 A.E.C. – c. 3500 A.E.C.), fazendo dele o único exemplo de literatura desta Idade com uma tradição irrompida. Segundo David Frawley, o início de sua composição teria se dado entre 6500 A.E.C. e 3100 A.E.C., e de acordo com Michel Danino, não só o simbolismo védico se refere a eventos

raças humanas, identificando os *dasyus* derrotados com os autóctones da Índia e os *āryas* com nômades invasores e vitoriosos, oriundos *a priori* da Ásia Central e posteriormente da Europa setentrional, resultando deste choque interracial o sânscrito, o Hinduísmo brâhmanico e o sistema de castas.

Ao longo do século XIX E.C. alguns teóricos deram cabo de terminar a constituição dos limites e definições da teoria da invasão ariana, principalmente Max Müller e Ernest Renan, até que a Guerra Franco-prussiana começasse a mudar suas concepções. Uma reação contra esta teoria começou a ganhar força principalmente dentre sábios e estudiosos indianos do sânscrito e das sagradas escrituras hindus, principalmente Dayananda Saraswati, Vivekananda, Aurobindo e Ambedkar. Formou-se desde então duas correntes em torno da teoria da invasão ariana, a saber, os invasionistas, defensores não só da existência da invasão, como também de uma raça ariana, e os anti-invasionistas, que se posicionam contra esta assertiva.

### **1. Contribuições de eruditos europeus do século XIX E.C. para a consolidação da teoria da invasão ariana**

O romancista, historiador e diplomata nascido em Hanover, Karl Wilhelm Friedrich von Schlegel (1772-1829), estudou direito, arte e filosofia em Göttingen e Leipzig, e pertenceu à chamada primeira geração do Romantismo alemão. Aprendeu o sânscrito quando esteve em Paris (1802-3), utilizando esses conhecimentos em um curso que ministrou desde 1805 sobre história universal na cidade de Colônia. Em uma carta a Ludwig Tieck de 15 de dezembro de 1803 afirma que “Tudo, absolutamente tudo, é de origem indiana.”<sup>2</sup>. Acreditava que a civilização egípcia era fruto de

---

celestiais como solstícios e equinócios datados ente 6000 A.E.C. e 4000 A.E.C., como o astrônomo indiano B. G. Siddharth afirma ter encontrado no *Yajurveda* de *Kṛṣṇa* uma referência clara a solstícios por volta de 8500 A.E.C., o que faria do *R̥gveda Samhitā* uma composição anterior a isto, visto que é o mais antigo dos quatro *Veda Samhitās* iniciais (Danino; Nahar, 1996, pp. 78-9.). Foi preservado até o século XI A.E.C. tanto por tradição oral quanto por manuscritos em cascas ou folhas que decompunham rapidamente no clima tropical, quando então foi registrado de uma forma mais perene.

<sup>2</sup> Carta a Ludwig Tieck de 15 de dezembro de 1803. In: “Vorlesungen über Universalgeschichte” (1805-1806); Werke, Ed. J.-J. Anstett. t. XIV, Munique, 1960. apud POLIAKOV, Léon. **O mito ariano**: Ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos. São Paulo: Perspectiva; Editora da Universidade de São Paulo, 1974, cap. 8, p. 169.

missionários indianos, e que os egípcios, por sua vez, fundaram uma colônia civilizadora na Judéia. As duas primeiras partes de seu *Ensaio sobre a língua e a sabedoria dos indianos* (1808) defendem não só a beleza e antiguidade do sânscrito, como também sua aptidão para exprimir idéias filosóficas. Na terceira parte do livro configurava a idéia de grupos humanos superiores descendo do teto do universo, fundando impérios e civilizando o Ocidente – as nações, direta ou indiretamente quanto às suas origens, não seriam mais do que colônias indianas<sup>3</sup>. Segundo Schlegel, em consequência de obscuras misturas, um povo novo deve ter se formado no norte da Índia e emigrado para oeste em função de algo mais forte do que o aguilhão da necessidade. Apostava na hipótese de um crime original que transformara os doces vegetarianos da Índia em carnívoros, doravante impelidos para longe devido a um instinto desconhecido. Schlegel não deixava de frisar que, devido ao fato de se tratar de acontecimentos anteriores a toda história, nada provocaria tantas dúvidas quanto a forma pela qual a população da região mais fértil e feliz da Ásia teria alcançado os limites da Escandinávia setentrional. O fato de praticamente tudo em seu *Ensaio* ser poeticamente sugerido e nada afirmado, abundando igualmente os condicionais, teria estimulado inconscientemente, a partir de sua imprecisão, especulações que levariam, em último caso, à ideologia nazista<sup>4</sup>.

O orientalista e indólogo alemão nascido em Dessau e educado em Leipzig, Friedrich Max Müller (1823-1900), aprendeu o sânscrito e traduziu o antigo *Hitopadesa* antes de ir para a Inglaterra, em 1846. Incumbido pela Companhia Inglesa das Índias Orientais de traduzir o *Rgveda Samhitā*, Müller viveu em Oxford, escreveu e estimulou estudos de mitologia comparada, linguística e religião, tornando-se muito conhecido ao editar em cinquenta volumes *Os Livros Sagrados do Oriente* (1875-1900). Não alimentava a intenção de ir à Índia como missionário, pois dependeria consequentemente do governo<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> A grandeza deste povo seria atestada pela grandeza da arquitetura dos monumentos egípcios e indianos contrapostos à frágil pequenez dos monumentos da época (início do século XIX).

<sup>4</sup> De fato, Schlegel estava longe disto. Não só lutou pela emancipação dos judeus como se casou com a filha do filósofo judeu Moisés Mendelssohn (1729-1786).

<sup>5</sup> “Gostaria de viver dez anos bem pacíficos e aprender o idioma, tentar fazer amizade e, então, ver se estaria em condições de participar de um trabalho mediante o qual o antigo equívoco do sacerdócio indiano pudesse ser eliminado e o caminho de entrada do simples ensinamento cristão pudesse ser aberto.” (GOSVĀMI, Satsvarūpa dāsa. **Introdução à filosofia védica**: a tradição fala por si mesma. São Paulo: Bhaktivedanta Book Trust, 1986, cap. 8, p. 77).

As instâncias linguísticas se misturavam às confessionais em Müller, que considerava a filosofia védica como lenda ariana e mito, cujas civilizações arianas teriam contribuído para a evolução do Cristianismo<sup>6</sup>. Com o advento da mitografia comparada no século XIX E.C., novas teorias surgiram para explicar a existência dos mitos na história do ser humano. Müller está inserido na chamada “escola filológica”, a qual se dedicou preferencialmente à explicação dos mitos de povos indo-europeus. A sua metodologia começava pela identificação dos nomes de deuses e heróis nos idiomas arianos ao idioma sânscrito após seu estudo comparado. Prosseguia pela elucidação dos mitos como símbolos de fenômenos naturais, principalmente os celestes – personificações da aurora, do Sol, da Lua. Em virtude da alteração verbal esses mitos astronômicos perdiam seu significado primitivo – análise esta conhecida como mito verbal –, considerando-se que isto teria se processado na “idade mitopoética”, ou um tempo remoto no qual os mesmos mitos foram engendrados. Esta teoria também foi chamada de “escola astronômica”, e apesar da ampla repercussão, caiu em descrédito pelos exageros das explicações e pela crítica dos etnólogos<sup>7</sup>.

Ao valer-se do mito verbal, Müller localizou o berço das criações populares na Índia, tendo o sânscrito como ponto de partida dos mitos e de chegada da sua teoria, a qual se dedicou em traçar seus caminhos nas chamadas línguas arianas ou indo-europeias, pois segundo o orientalista, os contos e fábulas correntes em todo o mundo teriam sua origem na Índia e nos povos de idioma indo-europeu<sup>8</sup>. Em seu ensaio *Ariano como um termo técnico* (1860), após enumerar vários termos rivais como “indo-germano”, “indo-europeu”, “jafético”, “sanscítico” e “mediterrânico”, escreveu:

Como principal responsável pelo emprego do termo ‘ariano’ no sentido de indo-europeu, e já que este termo não encontrou na Alemanha uma aceitação tão geral como na Inglaterra e na França, vou desenvolver abaixo algumas considerações para justificar seu uso.<sup>9</sup>

Ao se utilizar da ideia do linguista alemão Franz Bopp (1791-1867) de que a unidade primitiva da fala indicava uma unidade primitiva de raças, Müller sugeriu que

---

<sup>6</sup> “Talvez as antigas religiões do mundo tenham servido apenas para preparar o caminho de Cristo, ajudando através de seus próprios erros.” (Idem, p. 78).

<sup>7</sup> ENCICLOPÉDIA BARSÁ. op. cit., vol. 11, p. 120.

<sup>8</sup> Idem, vol. 7, p. 430.

<sup>9</sup> MÜLLER, F. M. *Arish als ein technischer Ausdruck*, Essays, Leipzig, 1879, t. II, p. 333 apud POLIAKOV, Léon. op. cit., cap. 8, p. 178.

esses povos originaram-se de um “pequeno clã de arianos estabelecidos, provavelmente, na elevação mais alta da Ásia Central, falando uma língua que ainda não era sânscrito, grego ou alemão, mas que continha os germes dialéticos de todas.”<sup>10</sup>. Este clã teria migrado, segundo o indólogo alemão, tanto para o noroeste europeu quanto para o Subcontinente Indiano por volta de 1500 A.E.C.<sup>11</sup>. Estas ideias ganharam amplo reconhecimento entre historiadores e arqueólogos posteriores. De acordo com a visão de K. C. Aryan e Subhashini Aryan em *The Aryans history of vedic period* – expressa por Poliakov no capítulo oito de *O mito ariano* –, muitos ingleses não se empolgaram muito com a sugestão de suas origens biológicas e culturais localizarem-se numa Índia sob poder britânico: preferiam depositar a autoridade de seus conhecimentos na influência de Müller e promover suas ideias preconcebidas sobre tudo de proveniência indiana. Era o momento de consolidação do poder da Companhia Inglesa das Índias Orientais – iniciada um século antes na Batalha de Plassey (1757)<sup>12</sup> – devido ao fracasso dos nativos na Revolta dos Sipaios, em 1858. A glória internacional de Max Müller era tanta que o próprio Kaiser Guilherme II o convidava para jantar<sup>13</sup>. Após a anexação da Alsácia como consequência da Guerra Franco-prussiana (1870-71), a Universidade de Estrasburgo foi germanizada e Müller foi convidado para aí proferir um ciclo de conferências. Na aula inaugural de 23 de maio de 1872, entre outros temas, o orientalista lançou um apelo à prudência científica ao afirmar que Linguística e Etnologia deveriam ser mantidas rigorosamente separadas sem confundir raça e língua, e que, além disso, falar de um idioma dolicocefalo<sup>14</sup> era tão absurdo quanto de um crânio ariano:

---

<sup>10</sup> “small clan of Aryans settled, probably, on the highest elevation of Central Asia, speaking a language not yet Sanskrit or Greek or German, but containing the dialectical germs of all” (Isaac Taylor: *The Origin of the Aryans*. New Delhi, 1980 (rep.); p. 1 apud ARYAN, K. C.; ARYAN, Subhashini. **The Aryans history of vedic period**. New Delhi: Rekha Prakashan, 1998, cap. 1, p. 28a).

<sup>11</sup> Para efeito de delimitação do tema, considera-se esta formulação – em *Ariano como um termo técnico* (1860) – como o substrato da *teoria da invasão ariana*, pois aí estariam expressos local – *elevações mais altas da Ásia Central* –, tempo – 1500 A.E.C. – e ação consagrados pelos intelectuais invasoristas estudados. Em outras palavras, daí se dataria a *teoria* em questão.

<sup>12</sup> Cf. CARVALHO, Matheus L. Um breve histórico do início da teoria da invasão ariana. In: REVISTA SACRILEGENS, v.9, n.1, 2012, pp. 130-131.

<sup>13</sup> MÜLLER, F. M. *The life and letters of the right honourable Friedrich Max Müller*, Londres, 1902, t. I, p. 420 apud POLIAKOV, Léon. op. cit., cap. 8, p. 194.

<sup>14</sup> Dolicocefalo é um termo da antropologia que designa uma pessoa que tenha um crânio cujo diâmetro anteroposterior é sensivelmente maior do que o transversal.

Quantos mal-entendidos, quantas controvérsias têm sua origem naquilo que se conclui a partir da língua, para o sangue, ou a partir do sangue, para a língua... Existem línguas arianas e semíticas, mas é anticientífico falar, a menos que nos demos conta da licença que nos permitirmos, de raça ariana, de sangue ariano, ou de crânios arianos.<sup>15</sup>

Como se observa, Müller mudou de postura metodológica nos seus últimos trinta anos de vida. Recomendava o contrário do que fizera um quarto de século antes. Mas já era tarde. Enciclopédias e manuais – dos quais o *Imperial Dictionary of the English Language* (1883) e a enciclopédia *The Americana* (1903-06) – continuaram a fazer referência apenas ao Max Müller do primeiro momento, de modo que ele mesmo não conseguiu, à época, reverter o curso ao qual havia dado direção.

O historiador, memorialista e filósofo francês Ernest Renan (1823-1892) deixou a carreira eclesiástica em 1845 e graduou-se em Filosofia (1848) e Letras (1852). Foi nomeado professor de hebraico no Collège de France, onde exerceria vitaliciamente o cargo de administrador a partir de 1844, além de ter sido eleito para a Academia Francesa em 1878. Entre suas obras principais destacam-se *História geral e sistema comparado das línguas semíticas* (1847-55), *As origens do cristianismo: Vida de Jesus* (1863), *O Anticristo* (1873), e *A Igreja Cristã* (1879). Para compreender a presença de Renan neste debate, é preciso uma breve digressão de como o mito ariano conquistou a intelectualidade da França no século XIX.

No período que se seguiu ao regresso dos Bourbons ao trono da França – interrompido pelos cem dias da volta de Napoleão –, entre 1814 e 1830, conhecido como Restauração, encontram-se nos salões parisienses figuras importantes do XIX: o político e pensador católico Hughes-Felicité-Robert de Lamennais (1782-1854), o poeta e estadista Alphonse de Lamartine (1790-1869), o historiador Jules Michelet (1798-1874), o poeta, romancista e dramaturgo Victor Hugo (1802-1885), o escritor e crítico literário Charles-Augustin Sainte-Beuve (1804-1869), e o barão de Eckstein, o “barão sânscrito”, que fundara o jornal ultra<sup>16</sup> *Le Catholique*, no qual mesclou a ideia de uma revelação natural indiana e a dívida da Europa, pelo melhor de seu sangue, cultura e instituições, para com os germanos. Fazia parte de uma corrente que procurava restaurar

<sup>15</sup> POLIAKOV, Léon. op. cit., cap. 8, p. 194.

<sup>16</sup> Os ultras representavam uma força política preponderante no contexto da Restauração pela defesa da monarquia na França.

o Cristianismo pela ciência. Segundo o filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831),

Devemos agradecer esse interesse por inúmeras descobertas preciosas na literatura oriental e por um estado revisado dos tesouros registrados anteriormente à cultura, mitologia, religiões e história da Ásia. [...] o barão von Eckstein, depois do estilo (adotado a partir de concepções superficiais que havia na Alemanha sobre a filosofia natural e os maneirismos ao estilo de Fr. von Schlegel, embora com maior genialidade do que este) – em seu periódico *Le Catholique* – levou mais adiante a causa daquele catolicismo primitivo de maneira geral e, em especial, obteve para os estudiosos da congregação o apoio do governo. Em consequência disso, foram enviadas expedições ao oriente para ali descobrirem tesouros ainda escondidos (dos quais foram antecipadas maiores revelações relativas a profundas questões teológicas, especialmente sobre a grande antiguidade e as fontes do budismo), visando também promover os interesses do catolicismo através deste método tortuoso mas cientificamente interessante.<sup>17</sup>

Neste contexto surgem várias traduções de originais alemães e britânicos para o francês, segundo um interesse despertado principalmente por Eckstein: as *Asiatic Researches* de William Jones, em 1803; a *Mitologia* de Creuzer, em 1825; as *Idéias sobre a filosofia da história da humanidade* de Herder, em 1828; e o *Ensaio sobre a língua e a sabedoria dos indianos* de Schlegel, em 1837. Além do fato de Edgar Quinet traduzir Herder, e Henri Heine ser o corretor das religiões e das filosofias da Alemanha nesta época, Poliakov ressalta que

[...] não foram estas traduções e estas conversações de salão que foram determinantes; o que importa é que os espíritos franceses se mostraram dispostos a impregnar-se delas; que estavam à procura de chaves ou de grades que permitissem uma nova leitura do mundo; e que começava a tomar corpo esta mistura de nacionalismo espiritualista e de cientificismo materialista do qual iria sair o determinismo racial. Ora, a França buscava novidades. As elites da nova geração não queriam outra coisa senão conciliar amigavelmente o Deus do Sinai e a Deusa Razão. Como escreve Edmond Vemeil, “o Romantismo declarou guerra a estes irmãos inimigos que são o catolicismo romano e a filosofia das Luzes.” [...] a genealogia indiana permitia uma singular reconciliação entre uma religião que se pretendia renovada ou ampliada, e o ideal revolucionário universalista. Quanto a seus prolongamentos germânicos, não era uma forma para muitos franceses, que professavam os princípios de 1789, de se filiarem secretamente à nobre genealogia franca?<sup>18</sup>

<sup>17</sup> HEGEL, G. W. F. **A Razão na História**: Uma introdução geral à filosofia da história. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2001, IV, 2.a, p. 110, nota, grifo do autor.

<sup>18</sup> POLIAKOV, Léon. op. cit., cap. 8, p. 182.



Aqui aparece a figura de Ernest Renan<sup>19</sup>. Também ele tentou aliar o progresso científico com o catolicismo que dizia professar, injetando uma típica carga novecentista de anti-semitismo:

Os semitas nada mais têm a fazer de essencial [...] continuemos germanos e celtas; guardemos nosso ‘evangelho eterno’, o Cristianismo [...] só o Cristianismo continua, pois, de posse de um futuro.<sup>20</sup>

Uma vez realizada esta missão [o monoteísmo], a raça semita declina rapidamente e deixa a raça ariana marchar sozinha à testa dos destinos da humanidade.<sup>21</sup>

Em suas obras, Renan mostrava-se indeciso, ou seja, se usava o termo “raça semita” ou “raça judia”, ou ainda, “raça indo-germânica” e “raça indo-europeia” de preferência à “raça ariana” – pelo qual optou. Chegou a questionar-se sobre os franceses, se não seriam germanos envergonhados ou até germanos dos pobres. A defesa dos semitas como povo decaído e dos arianos como os eleitos reflete-se num trecho de sua obra *História geral e sistema comparado das línguas semíticas*:

Saudemos estes cumes sagrados, onde as grandes raças, que traziam em seu seio o futuro da humanidade, contemplaram pela primeira vez o infinito, e inauguraram os dois fatos que mudaram a face do mundo, a moral e a razão. Quando a raça ariana tornar-se, depois de milhares de anos de esforços, a dona do planeta que habita, seu primeiro dever será o de explorar esta região misteriosa [...] nenhum lugar no mundo teve um papel comparável àquele da montanha ou do vale sem nome onde o homem chegou a se reconhecer. Orgulhamo-nos [...] dos patriarcas antigos que, no fundo do Imaús, lançaram os fundamentos daquilo que somos e daquilo que seremos.<sup>22</sup>

Após a Guerra Franco-prussiana, Ernest Renan terminou por se assemelhar a Max Müller. Numa conferência de 1878, o pensador francês criticava o uso político sobre a confusão entre raças e idiomas – “O fenômeno do aparecimento das famílias de línguas é, pois, um fenômeno que nada tem em comum com os problemas de que a Antropologia persegue a solução.”<sup>23</sup>. Porém, à semelhança de Müller, o espaço que

<sup>19</sup> Sobre Renan, vale a pena citar Poliakov: “[...] Com efeito, o verdadeiro responsável científico pelo mito ariano na França foi o homem que, captando todas as grandes correntes de seu tempo, e procurando agradar a todo mundo, acabou por tornar-se o ideólogo quase oficial da III República.” (POLIAKOV, Léon. op. cit., cap. 8, p. 185).

<sup>20</sup> RENAN, E. L’avenir religieux des sociétés modernes. (1860); Oeuvres, I, 239, 242, 243 apud POLIAKOV, Léon. op. cit., cap. 8, p. 187.

<sup>21</sup> Idem.

<sup>22</sup> Ibidem. De acordo com K. C. Aryan e Subhashini Aryan, ele teria traçado as origens da Bíblia à Índia. Estudiosos acreditam que se deveria entender “Imaús” por Himalaia.

<sup>23</sup> RENAN, E. Oeuvres complètes, ed. 1947-1961, t. VIII, p. 1224 apud POLIAKOV, Léon. op. cit., cap. 8, p. 186.

enciclopédias e manuais reservavam às ideias de Renan revelava apenas o admirador da cultura germânica que sustentava o essencial de sua doutrina ariana. Isto vem confirmar o que Poliakov defende em *O mito ariano*:

Enquanto propagandista do arianismo, Renan merece ser colocado ao lado de seu amigo Max Müller: se o brilho de um exercia sobretudo nos países latinos, e o do outro no mundo anglo-saxão e germânico, ambos igualmente serviam de regra na comunidade científica internacional. É preciso inscrever também em seu crédito comum as advertências que começaram a prodigalizar logo depois de 1870-1871 contra a exploração política da confusão entre as línguas e as raças.<sup>24</sup>

Como se observa, ambos adotaram posturas semelhantes sobre considerações entre idiomas e raças, num primeiro momento, as quais os dois combateram no fim da vida. Como supracitado, a causa mais imediata desta revisão foi a Guerra Franco-prussiana, como parece o atestar uma carta datada de 7 de março de 1871 de Müller endereçada a Renan:

Sei que o senhor é um patriota francês como eu sou um patriota alemão, mas penso que isto não nos impede de sentir profundamente a vergonha e a degradação que a guerra infligiu à raça à qual pertencemos na qualidade de seres humanos. [...] Todos devemos velar a face de vergonha e de dor.<sup>25</sup>

Daqui por diante dois caminhos poderiam ser seguidos a princípio: um levaria à evolução do que Poliakov denominou – e transformou em título de sua obra – “o mito ariano”, ou das ideias que surgiram ao longo do século XIX E.C. na Europa e na América do Norte até a primeira metade do século XX E.C. – para ser mais preciso, às portas de 1939. O outro leva aos debates que se seguiram às primeiras elucubrações da teoria da invasão ariana, presentes até hoje. Apesar do fracasso histórico e – de certa maneira – ideológico do nazismo que ainda presenciamos hodiernamente<sup>26</sup>, o substrato da teoria invasionista ainda sobrevive, qual seja, o de negar à Índia os seus valores ancestrais, sociais, intelectuais e literários e associá-los a supostos arianos provenientes de fora da Índia, em prol da visão chauvinista acerca da tradição cultural europeia.

---

<sup>24</sup> Idem, pp. 185-6, grifo meu.

<sup>25</sup> MÜLLER, F. M. The life and letters of the right honourable Friedrich Max Müller, Londres, 1902, v. I, p. 415 apud POLIAKOV, Léon. op. cit., cap. 8, p. 193.

<sup>26</sup> Principalmente no que tange à tentativa de se estabelecer hierarquias axiológicas entre supostas raças humanas.

## 2. Primeiras reações à teoria da invasão ariana

O orientalista e juiz britânico Sir John Woodroffe (1865–1936), cujo pseudônimo era Arthur Avalon, converteu-se ao Hinduísmo, condenou abertamente o governo britânico na Índia e escreveu exaustivamente em defesa do que considerava um ‘tantrismo mal interpretado’ pelos estudiosos. Embora não tenha interferido diretamente na controvérsia ariana, era da postura de que

Ainda há, entretanto, muitos indianos, particularmente aqueles da minha geração, cujos gurus ingleses e seus ensinamentos fizeram-nos cativos. Suas mentes foram tão dominadas e moldadas à maneira ocidental de pensar em assuntos sobre filosofia, religião, arte, sociedade e política que não têm capacidade de apreciar sua própria herança cultural.

[...]

Levando-se em conta as crenças e práticas indianas, nós que somos estrangeiros, temos que nos colocar na pele dos hindus e olhar para suas doutrinas e rituais através de seus olhos e não dos nossos. É difícil, eu sei, para muitos daqueles fazê-lo; mas até que o possam, faltará um verdadeiro valor em seu trabalho. E isto se dá porque, apesar de seu esforço e erudição, a atenção dada por autores ocidentais às crenças orientais geralmente falham em mostrar seu significado. Eles olham para o fato do ponto de vista de seu próprio credo, ou o que é muito pior, preconceitos raciais podem ficar no caminho do reconhecimento de qualquer excelência ou superioridade de um povo de cor.<sup>27</sup>

Outro indófilo britânico, o jornalista e escritor escocês Donald Alexander Mackenzie (1873-1936), chamou a atenção de seus compatriotas para as belezas da antiga literatura sânscrita:

Para apreciar totalmente a literatura sagrada e romântica da Índia, devemos seguir o conselho de Robert Louis Stevenson. Para aprender acertadamente com qualquer professor, escreveu ele, temos que, para começar, como um artista histórico, pensarmos-nos em solidariedade à sua posição. E ao tentar entender a concepção religiosa dos antigos sábios das florestas, às vezes nos encontramos em dificuldades. Pode ser que ‘se um dito é difícil de entender, é porque estamos pensando em algo além’. Estamos olhando para a Índia com olhos europeus e com preconceitos

---

<sup>27</sup> “There are, however, still many Indians, particularly those of my own generation, whose English Gurus and their teachings have made them captives. Their mind has been so dominated and moulded to a western manner of thinking in matters regarding philosophy, religion, art, society and politics that they have no capacity to appreciate their own cultural inheritance.” [...] “In giving an account of Indian beliefs and practices, we who are foreigners, must place ourselves in the skin of the Hindus and must look at their doctrines and rituals through their eyes and not our own. It is difficult, I know, for most of them to do this; but until they can, their work lacks real value. And this is why, despite their industry and learning, the account given by western authors of Eastern beliefs generally fails to give their meaning. They look at the matter from the point of view of their own creed, or what is much worse, racial prejudices may stand in the way of the admission of any excellence or superiority in a coloured people.” (WOODROFFE, John. *Shakti and Shakta*. Madras, 1969, p. 45 apud ARYAN, K. C.; ARYAN, Subhashini. op. cit., cap. 1, p. 32).

européus. Sempre há, disse Stevenson, um espírito dominante por trás do código das leis, uma atitude, uma relação [...] em virtude da qual nos conformamos ou divergimos.<sup>28</sup>

O erudito e religioso hindu, fundador da *Arya Samaj*, ou *Sociedade dos Nobres*, Swami Dayananda Saraswati (1824-1883), talvez tenha sido o primeiro a lutar contra o mito ariano ao enfatizar, entre outros, que a palavra *ārya* refere-se, nos *Vedas*, a uma moral ou qualidade interior, e não a uma raça. Segundo Sri Aurobindo, “Em matéria de interpretação védica estou convencido de que qualquer que possa ser a interpretação final, Dayananda será honrado como o primeiro descobridor das pistas certas.”<sup>29</sup> Os esforços de Dayananda em debates públicos com missionários de confissão cristã foram tão intensos que não só conseguiu frear as conversões levadas a cabo por estes, principalmente no Punjab – acabando eles por se tornar relutantes em encontrá-lo em fóruns abertos –, como também deu vida a um novo movimento, *śuddi*, ou “purificação” daqueles que haviam sido persuadidos a mudar de lado na sociedade hindu<sup>30</sup>.

Outro nome indiano importante nesta reação à teoria foi o monge, *yogi* e filósofo hindu Swami Vivekananda (1863-1902), árduo defensor da herança e espiritualidade indianas. Fundador da Ordem Ramakrishna e da organização monástica *Sri Ramakrishna Math*, Vivekananda preocupava-se em fazer com que seus conterrâneos acordassem para suas próprias riquezas, visto o ambiente intelectual hostil que encontrou em sua passagem pelos Estados Unidos. Em uma carta de 1894 a seus amigos, compatriotas e correligionários de Madras, além de listar exemplos de propaganda anti-hindu que havia observado na América do Norte, registrou:

---

<sup>28</sup> “To appreciate fully the sacred and romantic literature of India, we should follow the advice of Robert Louis Stevenson. To learn aright from any teacher, he wrote, we must first of all, like a historical artist, think ourselves in sympathy with his position. And if in endeavouring to understand the religious conception of the ancient forest sages, we, at times, find ourselves in difficulties. It may be that ‘if a saying is hard to understand, it is because we are thinking of something else’. We are looking on India with European eyes and with European prejudices. There is always, said Stevenson, a ruling spirit behind the code of rules, an attitude, a relation [...] in virtue of which we conform or dissent.” (MACKENZIE, Donald A. *Myths and Legends of Babylon and Assyria*, London, 1914, p. xi apud ARYAN, K. C.; ARYAN, Subhashini. op. cit., cap. I, p. 32b).

<sup>29</sup> “In the matter of Vedic interpretation I am convinced that whatever may be the final complete interpretation, Dayananda will be honoured as the first discoverer of the right clues.” (AUROBINDO, Sri. Bankim-Tilak-Dayananda. *Centenary Edition* (Pondicherry: Sri Aurobindo Ashram, 1972), vol. 17, p. 334 apud DANINO, Michel; NAHAR, Sujata. **The invasion that never was; Song of humanity**. Auroville: The Mother’s Institute of Research, 1996, cap. II, p. 34).

<sup>30</sup> GOEL, Sita Ram. *History of Hindu-Christian Encounters*. New Delhi: Voice of India, 1992 and 1989 apud DANINO, Michel. op. cit., cap. II, p. 35.

O que os hindus fizeram a esses discípulos de Cristo que toda criança cristã é ensinada a chamar os hindus de ‘vis’ e ‘desgraçados’, e os demônios mais horríveis na Terra? Parte da educação da Escola Dominical para crianças aqui consiste em ensiná-las a odiar todo mundo que não seja um cristão, e os hindus especialmente, de modo que, a partir de sua infância mesma, eles possam contribuir com seus centavos para as missões... Olhem de novo os livros publicados em Madras contra a religião hindu. Se um hindu escreve uma linha sequer contra a religião cristã, os missionários gritarão fogo e vingança.<sup>31</sup>

Em sua obra *Conferências de Colombo a Almora* escreveu que, de acordo com alguns teóricos europeus, os arianos

[...] vieram do Tibete Central, outros os terão como vindos da Ásia Central. Há ingleses patrióticos que acham que todos os arianos tinham cabelo ruivo... Se acontecer do escritor ter cabelo escuro, todos os arianos teriam cabelo escuro. Ultimamente, houve uma tentativa de se provar que os arianos viviam nos lagos suíços. [...] Alguns dizem agora que eles viveram no Pólo Norte. [...] Quanto à verdade destas teorias, não há uma palavra em nossas escrituras, nenhuma, para provar que os arianos sequer vieram de qualquer lugar fora da Índia. [...] E a teoria de que a casta dos súdras (isto é, a mais inferior) era toda de não-arianos... é igualmente ilógica e igualmente irracional... A Índia como um todo é ariana, nada mais.<sup>32</sup>

Porém, uma refutação sistemática da teoria da invasão ariana teria que esperar até Sri Aurobindo (1872-1950). Este poeta e filósofo indiano, após trabalhar por uma década para despertar o espírito de independência na Índia e passar um ano na prisão sob os britânicos (1908-1909), rumou para Pondicherry, então possessão francesa. Aí começou a estudar os *Vedas* e questionar a sua visão advinda dos estudiosos europeus:

Na Índia caímos durante os últimos séculos num hábito fixo de deferência inquestionável para com a autoridade... Estamos prontos para aceitar todas as teorias européias, a teoria de uma colonização ‘ariana’ de uma Índia dravida, a teoria de

<sup>31</sup> “What have the Hindus done to these disciples of Christ that every Christian child is taught to call the Hindus ‘vile’ and ‘wretches,’ and the most horrible devils on earth? Part of the Sunday School education for children here consists in teaching them to hate everybody who is not Christian, and the Hindus especially, so that, from their very childhood, they may subscribe their pennies to the missions... Look again at the books published in Madras against the Hindu religion. If a Hindu writes one such line against the Christian religion, the missionaries will cry fire and vengeance.” (Letters of Swami Vivekananda. Calcutta: Advaita Ashrama, 1991, p. 162 apud DANINO, Michel. op. cit., cap. II, pp. 37-38).

<sup>32</sup> “[...] they came from Central Tibet, others will have it that they came from Central Asia. There are patriotic Englishmen who think that the Aryans were all red-haired... If the writer happens to be a black-haired man, the Aryans were all black-haired. Of late, there was an attempt made to prove that the Aryans lived on the Swiss lakes. [...] Some say now that they lived at the North Pole. [...] As for the truth of these theories, there is not one word in our scriptures, not one, to prove that the Aryan ever came from anywhere outside India [...] And the theory that the Shudra [i.e., the lowest] caste were all non-Aryans... is equally illogical and equally irrational... The whole of India is Aryan, nothing else.” (VIVEKANANDA, S. Lectures from Colombo to Almora. Calcutta: Advaita Ashrama, 1992, pp. 222-230 apud DANINO, Michel. op. cit., cap. II, pp. 36-37).

culto à Natureza e henoteísmo<sup>33</sup> dos ṛṣis<sup>34</sup> védicos... como se estas especulações arriscadas fossem equivalentes em autoridade e certeza à lei da gravidade e à teoria da evolução.<sup>35</sup>

Aurobindo desejava que os indianos desenvolvessem um julgamento independente de sua própria história e religião. Em prol de suas idéias, apontava que “As indicações nos Vedas, onde esta teoria de uma recente invasão ariana é construída, são muito escassas em quantidade e incertas em sua significância. Não há qualquer menção real de tal invasão.”<sup>36</sup>. Um trecho conhecido do autor sobre o tema é o seguinte:

Virá um tempo quando a mente indiana se livrará da escuridão que se lhe caiu, cessará de pensar ou sustentar opiniões de segunda e terceira categorias e reafirmar seu direito para julgar e inquirir numa liberdade perfeita sobre o significado de suas próprias escrituras. Quando este dia chegar, devemos... questionar muitos mitos filologicamente estabelecidos – a lenda, por exemplo, de uma invasão ariana da Índia vinda do norte, a distinção artificial e inimiga de ariano e dravida que uma filologia errônea conduziu como uma cunha na unidade de uma raça homogênea indo-afegã.<sup>37</sup>

<sup>33</sup> “Max Müller até mesmo cunhou um novo termo – henoteísmo – para explicar a tendência nos Vedas de atribuir supremacia ora para uma divindade, ora para outra, como se todas elas fossem perfeitamente intercambiáveis. Ele via isto como uma forma de religiosidade oscilando entre politeísmo e monoteísmo.” (“Max Müller even coined a new term – henoteism – in order to explain the tendency in the Vedas to ascribe supremacy now to one deity and later to another, as if they were perfectly interchangeable. He saw this as a form of religiosity hovering between polytheism and monotheism.” In: FEUERSTEIN, Georg; KAK, Subhash; FRAWLEY, David. **In search of the cradle of civilization**. Delhi: Motilal Banarsidass Publishers, 1999, cap. 2, pp. 30-31, grifo do autor.). Uma das definições correntes é a seguinte: “Culto de um só deus, sem deixar de admitir a existência de outros”. (DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA. 12. ed. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, 1990, vol. 2, p. 908).

<sup>34</sup> De maneira geral, o termo *ṛṣi* designa um homem sábio, eminente por suas virtudes e ascetismo. Neste caso específico, refere-se a um dos dez sábios magnânimos que fizeram a descoberta do conhecimento do sacrifício védico (*yajña*), cujos rastros sobre a terra os *devas* teriam tentado apagar. São eles: Marīci, Atri, Aṅgiras, Pulastya, Pulaha, Kratu, Pracetas, Vasiṣṭha, Bhṛgu, and Nārada.

<sup>35</sup> “In India we have fallen during the last few centuries into a fixed habit of unquestioning deference to authority... We are ready to accept all European theories, the theory of an ‘Aryan’ colonization of a Dravidian India, the theory of Nature-worship and henoteism of the Vedic Rishis... as if these hazardous speculations were on a par in authority and certainty with the law of gravitation and the theory of evolution.” (Sri Aurobindo Archives and Research (Pondicherry: Sri Aurobindo Ashram), April 1985, p. 41 apud DANINO, Michel. op. cit., cap. II, p. 40).

<sup>36</sup> “The indications in the Veda on which this theory of a recent Aryan invasion is built, are very scanty in quantity and uncertain in their significance. There is no actual mention of such an invasion.” (DANINO, Michel. op. cit., p. 41).

<sup>37</sup> “A time must come when the Indian mind will shake off the darkness that has fallen upon it, cease to think or hold opinions at second and third rank and reassert its right to judge and enquire in a perfect freedom into the meaning of its own Scriptures. When that day comes, we shall... question many established philological myths – the legend, for instance, of an Aryan invasion of India from the north, the artificial and inimical distinction of Aryan and Dravidian which an erroneous philology has driven like a wedge into the unity of the homogeneous Indo-Afghan race.” (AUROBINDO, Sri. *India’s Rebirth*. Paris: Institut de Recherches Évolutives, 1993, pp. 1985, p. 41 apud DANINO, Michel. op. cit., cap. II, p. 42).

O estudo que Aurobindo realizou sobre o idioma tâmil junto com o poeta Subramania Bharati (1882-1921) revelou uma conexão original entre este e o sânscrito, levando à existência de duas famílias divergentes de um idioma primitivo perdido<sup>38</sup>. Em suas palavras, “Meu primeiro estudo das palavras do tâmil havia me levado ao que parecia uma pista às verdadeiras origens e estrutura do antigo idioma sânscrito.”<sup>39</sup>.

Michel Danino ainda cita o que denomina “exemplos notáveis de genuína mas ignorada erudição indiana”<sup>40</sup>. O primeiro é o administrador, lingüista e matemático R. Swaminatha Aiyar, que, dez anos após a publicação em episódios de *O segredo dos Vedas*, de Sri Aurobindo, realizou uma extensa pesquisa sobre as línguas tâmil, sem deixar de lado concepções errôneas e teorias indefensáveis sobre os idiomas e a cultura tâmil, presentes desde a publicação da *Gramática comparativa das línguas drávidas* (1856), do bispo Robert Caldwell (1814-1891). Após escrutínio da gramática e raízes destas línguas, Aiyar chegou às mesmas conclusões de Aurobindo sobre a profunda conexão entre o tâmil e o sânscrito: além de muitas formas verbais serem de origem indo-ariana, “a porção básica dos vocabulários drávidas consiste em palavras de origem indo-ariana embora... essas palavras tenham sido grandemente corrompidas e sejam de difícil reconhecimento.”<sup>41</sup>. O também matemático e lingüista do sul da Índia, Navaratna Srinivasa Rajaram (1943-), confirma estas descobertas:

As línguas drávidas são fortemente inflexivas como o sânscrito, e casos de declinações também são bastante similares... De certo modo estas supostas línguas drávidas preservaram formas e usos antigos do sânscrito melhor do que as línguas do norte indiano, como o hindi.<sup>42</sup>

---

<sup>38</sup> AUROBINDO, Sri. *The Secret of the Veda*, Centenary Edition, vol 10, pp. 33-34 apud DANINO, Michel. op. cit., cap. II, p. 42.

<sup>39</sup> “My first study of Tamil words had brought me to what seemed a clue to the very origins and structure of the ancient Sanskrit tongue.” (AUROBINDO, Sri. *The Secret of the Veda*, Centenary Edition, vol 10, p. 46 apud DANINO, Michel. op. cit., cap. II, p. 42).

<sup>40</sup> “striking examples of genuine but ignored Indian scholarship.” (DANINO, Michel. op. cit., cap. II, p. 44).

<sup>41</sup> “the basic portion of Dravidian vocabularies consists of words of Indo-Aryan origin though... these words have been greatly corrupted and are very difficult of recognition.” (AIYAR, R. Swaminatha. *Dravidian Theories*. New Delhi: Motilal Banarsidass, 1987 apud DANINO, Michel. op. cit., cap. II, p. 45).

<sup>42</sup> “Dravidian languages are strongly inflected like Sanskrit, and cases and declensions are also quite similar... In some ways these so-called Dravidian languages have preserved ancient forms and usages from Sanskrit better than North Indian languages like Hindi.” (RAJARAM, N. S. *The Politics of History*. New Delhi: Voice of India, 1995, p. 175, 1987 apud DANINO, Michel. op. cit., cap. II, p. 45).

Por último, Danino cita a contribuição do jurista indiano Bhimrao Ramji Ambedkar (1891-1956), conhecido por sua campanha em defesa das castas inferiores e seu trabalho sobre a Constituição indiana. Apesar de ignorado – e objeto de equívoco por parte daqueles que professam seguir sua liderança, segundo Danino –, Ambedkar registrou as seguintes palavras:

A teoria da invasão é uma invenção. Esta invenção é necessária por causa de uma suposição gratuita de que os povos indo-germânicos são os mais puros dos representantes modernos da raça ariana original. A teoria não é baseada senão em agradáveis suposições, e inferências baseadas em tais suposições. A teoria é uma perversão da investigação científica. Não é permitido evoluir fora dos fatos. Pelo contrário, a teoria é preconcebida e os fatos são selecionados para prová-la. Ela cai por terra em todos os pontos.<sup>43</sup>

Ambedkar concluiu que os *Vedas* não conhecem qualquer raça ariana, assim como a distinção racial e de cor entre arianos e *dasyus*. Também não encontrou evidência nos *Vedas* de nenhuma invasão da Índia pela raça ariana e conquista sobre os *dasyus*, tidos como autóctones deste país.

### **Considerações finais**

A compreensão da maneira como a atmosfera intelectual europeia calcada no anti-semitismo e no chauvinismo do progresso industrial do Ocidente no século XIX E.C. propiciou o desenvolvimento dos postulados da teoria da invasão ariana nos conduz à constatação de uma polarização de perspectivas que, apesar de inequivocadamente bem situadas e delineadas em torno da controvérsia da existência e características raciais e bélicas da suposta invasão, não estão isentas de polifonias que irrevogavelmente trazem em si mesmas.

Num primeiro momento, algumas sugestões de Schlegel teriam propiciado especulações acerca da ancestralidade e ascendência cultural dos indianos sobre as demais civilizações pré-clássicas da Antiguidade. Apesar de se aproximar de Schlegel

---

<sup>43</sup> “The theory of invasion is an invention. This invention is necessary because of a gratuitous assumption that the Indo-Germanic people are the purest of the modern representatives of the original Aryan race. The theory is based upon nothing but pleasing assumptions, and inferences based on such assumptions. The theory is a perversion of scientific investigation. It is not allowed to evolve out of facts. On the contrary, the theory is preconceived and facts are selected to prove it. It falls to the ground at every point.” (B. R. Ambedkar, citado por D. B. Thengadi em *The Perspective* (Sahitya Sindhu Prakashan) apud DANINO, Michel. op. cit., cap. II, p. 46).



ao localizar na Índia a origem das criações populares, e no sânscrito a origem dos mitos e fábulas paradigmáticas das culturas indo-europeias, Max Müller deu ensejo à formulação da teoria da invasão ariana ao situar fora do Subcontinente Indiano o *locus originis* de uma suposta raça humana falante de um idioma mais primitivo que trazia em si o embrião das línguas indo-europeias, dentre as quais o sânscrito, para justificar o uso do termo “ariano”, segundo a necessidade de se identificar um povo que falasse este idioma previamente sugerido. Concomitantemente, associou a esta realidade um contexto histórico de suposta invasão engendrada pelos “arianos” sobre o mesmo Subcontinente Indiano num determinado momento da história, constituindo assim o substrato da *teoria da invasão ariana*. Renan, por sua vez, contribuiu para a consolidação da teoria da invasão ariana ao atribuir à suposta raça ariana a vanguarda da moral e da razão, posteriormente experimentados pela humanidade, numa tentativa anti-semita de conciliar o cientificismo racional herdado do Iluminismo e o catolicismo romano eivado de um cristianismo espiritualista, tornando-se, ao lado de Müller, uma importante referência paradigmática da teoria da invasão ariana na comunidade científica internacional.

As críticas e revisões de origem indiana e europeia em detrimento da teoria da invasão ariana começaram com um esforço de redirecionar o olhar indiano que se eximisse de uma óptica cultural europeia no sentido de olhar para as religiões e filosofias autóctones da Índia enquanto realidades intelectuais e confessionais com seu próprio histórico de elaboração de reservas de sentido e desenvolvimento de estratégias de significação. As reações à teoria da invasão ariana basearam-se substancialmente na defesa de uma etimologia e natureza moral do termo ariano tal qual em suas aplicações originais no Hinduísmo védico, estendendo-se, inclusive, a um universo etno-geográfico maior, englobando não só o Subcontinente Indiano como um todo, mas também uma parcela do Oriente Médio, sem diferenças linguísticas suficientes para justificar diferenças raciais e sem qualquer semântica que apontasse para uma definição étnica do termo “ariano” ou configurasse uma invasão bélica do Subcontinente Indiano realizada por seus supostos integrantes, tal como estipulado pelos teóricos invasionistas. A partir daqui, seria possível apontar para alguns desdobramentos importantes e necessários à compreensão dos debates mais recentes acerca da teoria da invasão ariana, divididos principalmente em três revisões que se iniciaram nestas primeiras reações, a saber, a

étnico-linguística, a literária, baseada numa releitura do *R̥gveda Saṃhitā*, e a arqueológica, debruçada sobre as descobertas da civilização do Indo-Sarasvati.

### **Referências Bibliográficas**

ARYAN, K. C.; ARYAN, Subhashini. *The Aryans history of vedic period*. New Delhi: Rekha Prakasha, 1998.

CARVALHO, Matheus Landau de. Um breve histórico do início da teoria da invasão ariana. In: *Revista Sacrilegens*, v.9, n.1, 2012, pp. 127-142.

DANINO, Michel; NAHAR, Sujata. *The invasion that never was; Song of humanity*. Auroville: The Mother's Institute of Research, 1996.

DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA. 12. ed. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, 1990, 3v.

ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo-Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, 1993, 16v.

FEUERSTEIN, Georg; KAK, Subhash; FRAWLEY, David. *In search of the cradle of civilization*. Delhi: Motilal Banarsidass Publishers, 1999.

GOSVĀMI, Satsvarūpa dāsa. *Introdução à filosofia védica: a tradição fala por si mesma*. São Paulo: Bhaktivedanta Book Trust, 1986.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *A Razão na História: Uma introdução geral à filosofia da história*. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

POLIAKOV, Léon. *O mito ariano: Ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Perspectiva; Editora da Universidade de São Paulo, 1974.